

Ana Clara Martins Neves  
Mayelli Caldas de Castro



# FALAR É RESISTIR:

a oralidade a partir

da voz de mulheres na escola



# DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

**Nível de ensino:** Educação Básica e Superior

**Área de conhecimento:** Ensino

**Público-alvo:** Professores e demais atuantes na Educação Básica

**Categoria deste produto:** Material didático/instrucional (PPT1)

**Finalidade:** Aprimorar o domínio da língua portuguesa ao dar enfoque na oralidade, aperfeiçoando as habilidades linguísticas que são características do gênero oral, valorizando esse aspecto da língua a partir de entrevistas que busquem enaltecer as histórias de mulheres da comunidade escolar, promovendo, assim, a construção do pensamento crítico no ensino da língua materna

**Organização do produto:** O material foi dividido em encontros no intuito de motivar professoras e professores a valorizar a oralidade no ensino de língua portuguesa por meio do gênero discursivo entrevista com alunas e alunos do ensino médio, criando espaços coletivos de fala e escuta para mulheres da comunidade escolar, fazendo as adaptações necessárias

**Registro de propriedade intelectual:** Ficha catalográfica com ISBN 978-65-5331-192-3 (E-book) e Licença Creative Commons (Educapes)

**Disponibilidade:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros

**Divulgação:** Meio digital

**URL:** Produto disponível no site do Profletras:  
<https://www.profletras.vitoria.ifes.edu.br>

**Processo de validação:** Validado inicialmente com alunas e alunos e com pares. Ratificado posteriormente pela banca de defesa da dissertação

**Idioma:** Português

**País:** Brasil

**Ano:** 2026

**Origem do produto:** Trabalho de Dissertação intitulado "NARRATIVAS DE MULHERES NO AMBIENTE ESCOLAR: TRABALHANDO A ORALIDADE COM O GÊNERO ENTREVISTA NO ENSINO MÉDIO" desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras - Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo.

# DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

**Nível de ensino:** Educação Básica e Superior

**Área de conhecimento:** Ensino

**Público-alvo:** Professores e demais atuantes na Educação Básica

**Categoria deste produto:** Material didático/instrucional (PPT1)

**Finalidade:** Aprimorar o domínio da língua portuguesa ao dar enfoque na oralidade, aperfeiçoando as habilidades linguísticas que são características do gênero oral, valorizando esse aspecto da língua a partir de entrevistas que busquem enaltecer as histórias de mulheres da comunidade escolar, promovendo, assim, a construção do pensamento crítico no ensino da língua materna

**Organização do produto:** O material foi dividido em encontros no intuito de motivar professoras e professores a valorizar a oralidade no ensino de língua portuguesa por meio do gênero discursivo entrevista com alunas e alunos do ensino médio, criando espaços coletivos de fala e escuta para mulheres da comunidade escolar, fazendo as adaptações necessárias

**Registro de propriedade intelectual:** Ficha catalográfica com ISBN 978-65-5331-192-3 (E-book) e Licença Creative Commons (Educapes)

**Disponibilidade:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros

**Divulgação:** Meio digital

**URL:** Produto disponível no site do Profletras:  
<https://www.profletras.vitoria.ifes.edu.br>

**Processo de validação:** Validado inicialmente com alunas e alunos e com pares. Ratificado posteriormente pela banca de defesa da dissertação

**Idioma:** Português

**País:** Brasil

**Ano:** 2026

**Origem do produto:** Trabalho de Dissertação intitulado "NARRATIVAS DE MULHERES NO AMBIENTE ESCOLAR: TRABALHANDO A ORALIDADE COM O GÊNERO ENTREVISTA NO ENSINO MÉDIO" desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras - Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo.



# **FICHA CATALOGRÁFICA**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS PROFLETRAS**

**Av. Vitória, 1729 - Jucutuquara Vitória - ES**

**CEP: 29040-780**

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

**Profª Drª Edenize Ponzó Peres**

**Profª Drª Raquelli Natale**

## **DIAGRAMAÇÃO**

**Ana Luisa Martins Neves**

## **REVISÃO DO TEXTO**

**Mayelli Caldas Castro**

## **PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO**

**ProfLetras/IFES**

**IFES - CAMPUS  
VITÓRIA**

André Gustavo de Sousa Galdino  
Diretor Geral

Luciano Lessa Lorenzoni  
Diretor de Ensino

Telma Carolina Smith  
Diretora de Extensão

Roseni da Costa Silva Pratti  
Diretora de Administração

Poliana Daré Zampiolli Pires  
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Mayelli Caldas de Castro  
Coordenadora do PROFLETRAS

# FICHA CATALOGRÁFICA

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS PROFLETRAS

Av. Vitória, 1729 - Jucutuquara Vitória - ES

CEP: 29040-780

**INSTITUTO FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO**

Adriana Pionttkovsky Barcellos  
Reitora

Sanandreia Torezani Perinni  
Pró-Reitora de Ensino

Maíra Maciel Mattos de Oliveira  
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Anderson Rozeno Bozzetti Batista  
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

Leandro Bitti Santa Anna  
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Anderson Rozeno Bozzetti Batista  
Pró-Reitor de Extensão



# FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

N518f Neves, Ana Clara Martins.

Falar é resistir [recurso eletrônico] : a oralidade a partir da voz de mulheres na escola / Ana Clara Martins, Mayelli Caldas de Castro. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2026.

67 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-5331-192-3 (*E-book*)

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Oralidade e comunicação – Estudo e ensino (Ensino médio) – Mulheres. 3. Mulheres na educação – Entrevistas – Estudo e ensino. 4. Prática de ensino – Mulheres. 5. Professores – Formação. I. Castro, Mayelli Caldas de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 469.07

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES – 656



Ana Clara Martins Neves

Mestra em Letras pelo programa de Mestrado Profissional em Letras - Português, pela Universidade Federal do Grande do Norte - UFRN, pólo do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES - campus Vitória. Possui graduação em Letras - Português pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR (2022) e graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2018). Atualmente é professora da educação básica do Governo do Estado do Espírito Santo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Especialização em Ensino de Língua Inglesa pela UFES. Graduação em Licenciatura Plena em Letras-Português/Inglês e respectivas literaturas pela FICAB - Faculdades Integradas Castelo Branco. Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES Campus Vitória. Coordenadora do programa de mestrado profissional e Letras - ProfLetras - no IFES - Campus Vitória. Tem experiência como professora de Linguística, Linguística Aplicada, Estudos da Tradução, línguas estrangeiras modernas



Mayelli Caldas de Castro

(Inglês e Espanhol), língua portuguesa e técnicas de redação. Pesquisas nas áreas de Linguística e Linguística Aplicada, com ênfase em Estudos da Tradução e Ensino de inglês como língua estrangeira, e Estilo em tradução literária com o uso da Metodologia de Corpus. Atuou como coordenadora do Núcleo de Relações Internacionais do IFES Campus Itapina. Possui certificado e curso de TESOL na NOVA - Northern Virginia Community College, nos Estados Unidos. Foi professora acadêmica visitante na NOVA, nos EUA. Tradutora e revisora de textos nas línguas Português, Inglês e Espanhol. Atualmente, cursando graduação em Psicologia, na Faculdade Multivix - Campus Goiabeiras.

# SUMÁRIO


Para começar...	9
Oralidade em foco	12
O gênero discursivo entrevista	14
Sequência Didática como metodologia de ensino	16
Multiletramentos e produção audiovisual de documentário	17
Gênero e o enfrentamento do silenciamento	19
A Pesquisa participante e a dimensão política da prática pedagógica	22
A sequência didática	23
1º encontro	25
2º encontro	30
3º encontro	35
4º encontro	37
5º encontro	55
5º, 7º e 8º encontro	58
9º encontro	60
Considerações finais	63
Referências	65

# PARA COMEÇAR...

Este caderno pedagógico é o produto educacional, parte integrante da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes- Campus Vitória). É um desdobramento da pesquisa intitulada NARRATIVAS DE MULHERES NO AMBIENTE ESCOLAR: TRABALHANDO A ORALIDADE COM O GÊNERO ENTREVISTA NO ENSINO MÉDIO.

Os encontros descritos aqui tiveram como propósito aprimorar o domínio da língua portuguesa ao dar enfoque na oralidade, aperfeiçoando as habilidades linguísticas que são características do gênero oral, valorizando esse aspecto da língua a partir de entrevistas que busquem enaltecer as histórias de mulheres da comunidade escolar, promovendo, assim, a construção do pensamento crítico no ensino da língua materna. Para isso, partiu-se do arcabouço metodológico da pesquisa participante para formar um grupo de extensão com alunas e alunos de ensino médio da EEEM Benício Gonçalves, da rede estadual de educação do Espírito Santo.

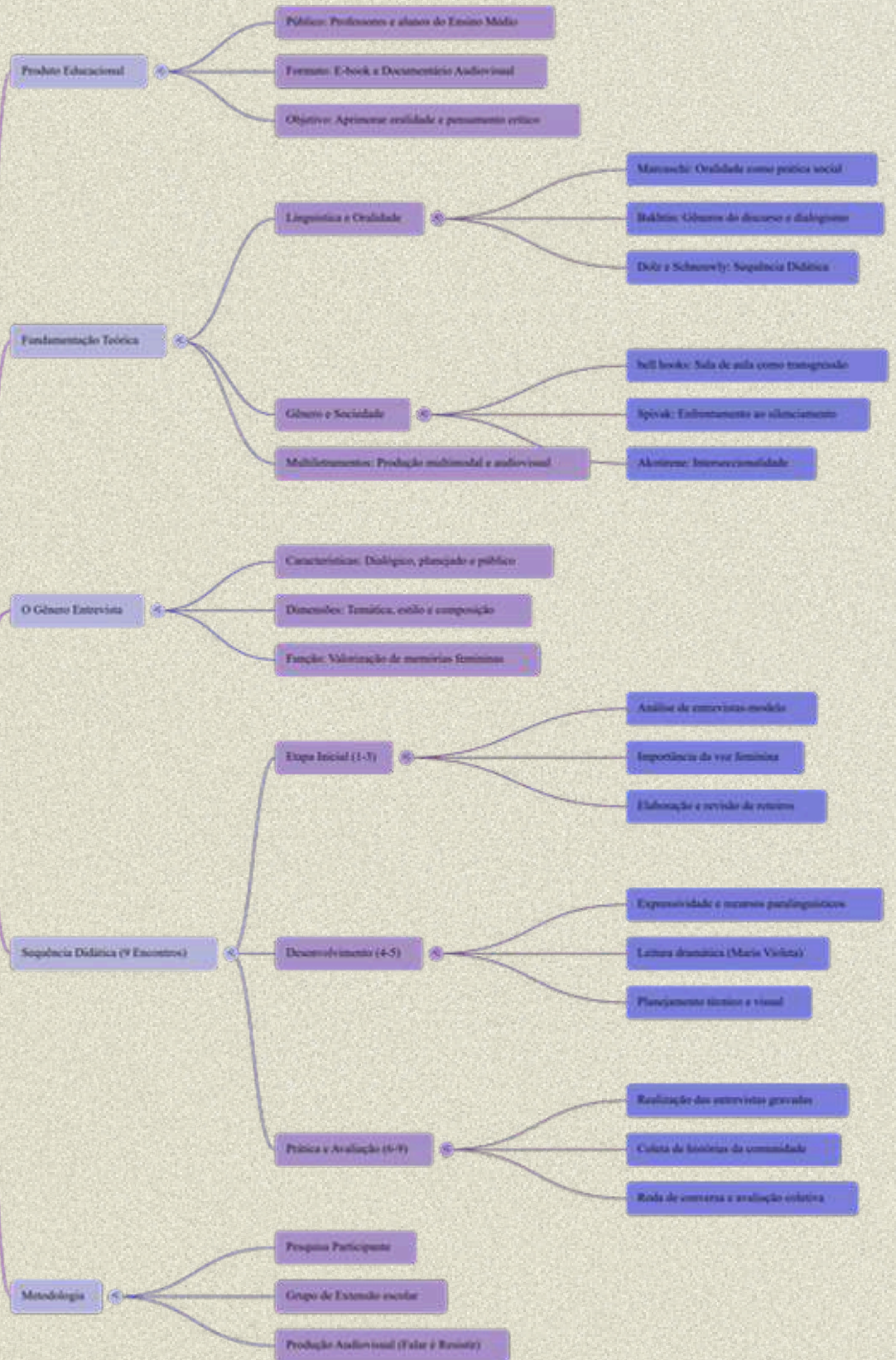
Além deste ebook, também foi produzido o documentário "Falar é resistir", que



registrou em formato audiovisual os encontros do grupo de extensão. Esta abordagem parte da perspectiva de trabalhar os multiletramentos nas aulas de língua portuguesa ao promover, também, essa produção discursiva audiovisual, já que essa prática explora um tipo dos novos letramentos que permeiam a sociedade contemporânea.

Nesse sentido, destaca-se que a aplicação dessa abordagem pedagógica é ajustável e customizável, proporcionando a possibilidade de ser adequada às particularidades das diversas realidades escolares. Portanto, esse produto educacional objetiva ser uma referência metodológica, e não uma fórmula prescritiva, no ensino de língua portuguesa, além de uma forma de divulgação da pesquisa.

Falar e Reviver: Oralidade e Narrativas de Mulheres



# ORALIDADE EM FOCO

Historicamente, o ensino de Língua Portuguesa privilegiou a modalidade escrita, influenciado principalmente por abordagens estruturalistas do século XX. Contudo, estudos contemporâneos demonstram que fala e escrita integram um continuum (Marcuschi, 2008).

Nesse sentido, Marcuschi (2008) aponta que a oralidade não pode ser reduzida à espontaneidade informal, mas deve ser compreendida como uma prática social que envolve planejamento, estratégias discursivas e recursos paralinguísticos.

No campo didático, Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004; 2011) defendem que os gêneros orais podem, e devem, ser ensinados sistematicamente. Para os autores, o trabalho com oralidade precisa contemplar:

- organização discursiva;
- adequação ao contexto comunicativo;
- entonação, ritmo e pausas;
- postura corporal e gestualidade;
- escuta ativa e interação.

Já a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) reforça essa perspectiva ao incluir habilidades específicas voltadas à produção oral formal no Ensino Médio.



Entretanto, observa-se que, na sala de aula, o espaço destinado à oralidade diminui progressivamente ao longo da escolarização. Assim, este ebook busca ampliar as possibilidades de ensino de língua com a oralidade, ao propor um momento de fala planejado como prática formativa no Ensino Médio.




# O GÊNERO DISCURSIVO ENTREVISTA

A linguagem para Mikhail Bakhtin (1997; 2016) não é apenas um sistema abstrato de regras, mas uma prática social concretizada em enunciados situados historicamente. O autor complementa que os enunciados se caracterizam por serem dialógicos. Isto é, respondem aos discursos já postos na sociedade, assim como geram necessariamente uma resposta dos interlocutores.

Ainda, Bakhtin (1997; 2016) classifica os gêneros do discurso como "tipos relativamente estáveis de enunciados" que são organizados conforme três dimensões indissociáveis:



- conteúdo temático (o que se diz);
- estilo (como se diz);
- composição (estrutura organizacional do enunciado).

Logo, essa perspectiva opõe-se às abordagens estruturalistas, que costumam ser centradas no estudo da língua escrita, e, então, passa a legitimar enunciados orais como objeto de estudo para a linguística. Por isso, adota-se essa concepção da linguagem neste ebook, uma vez que propõe o aperfeiçoamento de habilidades relativas à



oralidade por meio do gênero discursivo entrevista em aulas de língua materna.

No contexto escolar, trabalhar com gêneros do discurso implica reconhecer que a língua se realiza em práticas sociais específicas e que cada gênero mobiliza capacidades linguísticas e discursivas próprias, em razão de serem relativamente estáveis. O gênero entrevista, portanto, caracteriza-se por ser um discurso que:

- se realiza predominantemente no campo da oralidade;
  - é uma situação comunicativa dialógica;
  - possui alternância organizada de turnos de interlocutores;
  - apresenta responsividade imediata;
  - é um momento de fala planejado;
  - tem como finalidade explorar um assunto determinado.
- 
- 

A entrevista, portanto, constitui-se como um gênero do discurso privilegiado para o desenvolvimento da oralidade formal pública, já que pressupõe uma preparação prévia sobre a temática a ser desenvolvida em um momento de fala planejada.

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO

A organização dos encontros descritos neste ebook apoia-se no modelo de Sequência Didática (SD), proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011). A SD, então, estrutura-se em três momentos fundamentais:

- apresentação da situação comunicativa;
- módulos de aprendizagem (atividades de sistematização);
- produção final.

Esse modelo permite diagnosticar conhecimentos prévios, trabalhar dificuldades específicas do gênero, desenvolver progressivamente capacidades discursivas e avaliar a produção final com base em critérios explícitos.

No caso da presente SD que propõe o trabalho com o gênero entrevista, os módulos contemplam:

- análise de entrevistas-modelo em formato audiovisual;
- estudo da estrutura composicional;
- elaboração de roteiros;
- exercícios de escuta e reformulação;
- prática de condução de entrevistas;
- gravação audiovisual das entrevistas;
- construção de documentário.

# MULTILETRAMENTOS E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE DOCUMENTÁRIO


Outro ponto que influencia o ensino atualmente é a contemporaneidade que impõe ao cotidiano escolar o desafio de lidar com práticas comunicativas multimodais. Dessa forma, a autora Roxane Rojo (2012) propõe a concepção dos multiletramentos, uma vez que se observa a necessidade de envolver

múltiplas linguagens (escrita, oral, visual, sonora, audiovisual, digital) e as combinações entre elas nas aulas de língua portuguesa.

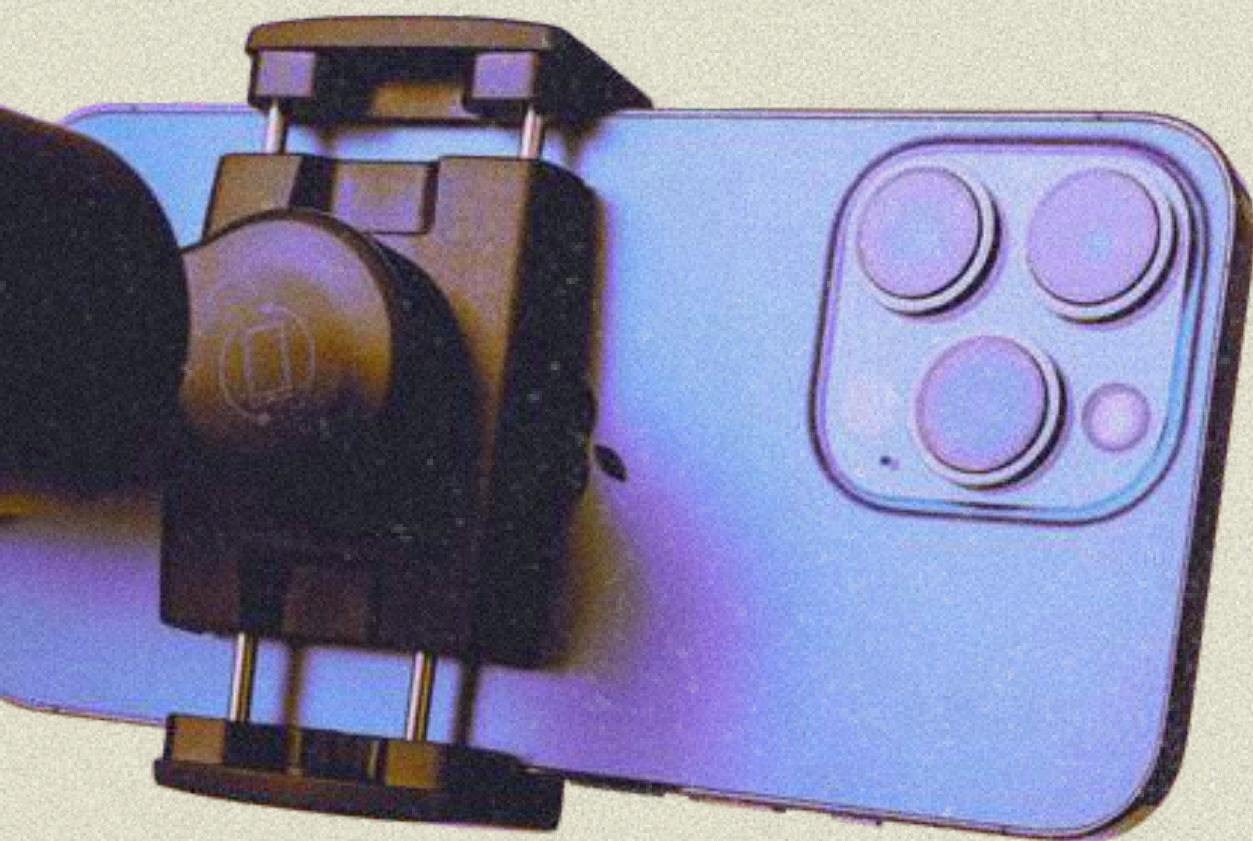
Nesse sentido, a abordagem de produzir um documentário amplia o escopo do ensino de língua ao integrar os multiletramentos, pois

envolve planejamento discursivo, performance oral, conhecimentos básicos sobre a linguagem audiovisual, edição e organização narrativa.

Ressalta-se que a linguagem do documentário, conforme explica Ramos (2008),

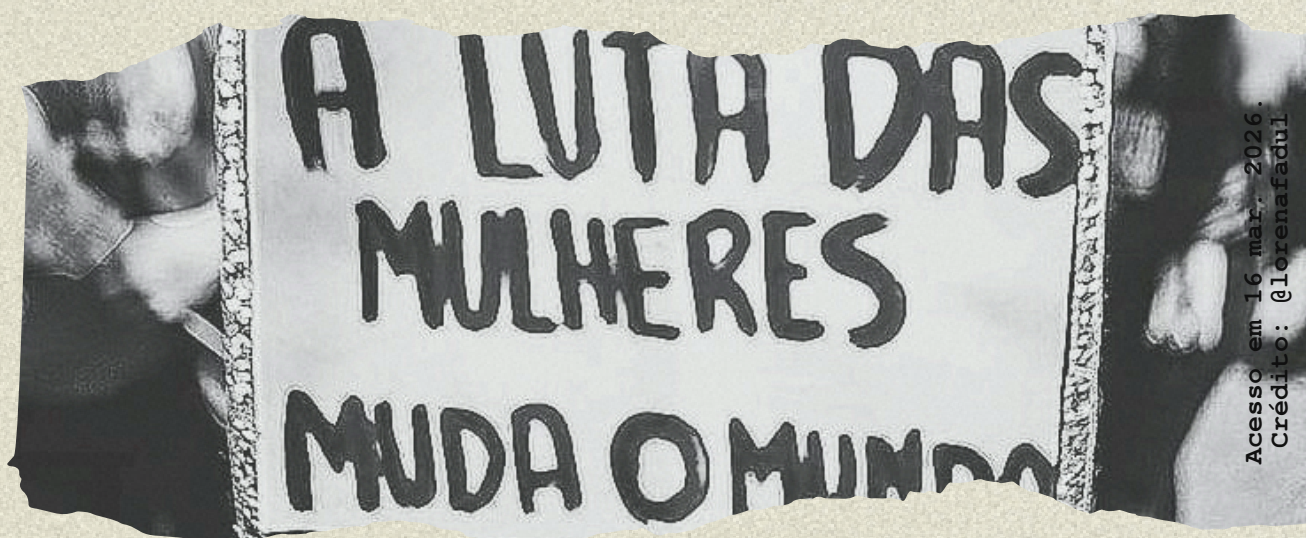


constitui uma narrativa que faz asserções sobre o mundo, mobilizando imagens e sons para produzir sentido. Assim, produzir um documentário permite que alunas e alunos tenham um espaço de desenvolvimento de habilidades relativas à oralidade, assim como aperfeiçoar conhecimentos sobre uma produção audiovisual.




# GÊNERO E O ENFRENTAMENTO DO SILENCIAMENTO

Além do ensejo linguístico de explorar a oralidade, este caderno pedagógico também explora a relevância de se discutir a temática de gênero na escola, fundamentando-se em estudos feministas e teorias críticas sobre gênero e poder.



Primeiramente, vale apontar que, de acordo com Lins, Machado e Escoura (2016), a escola é simultaneamente espaço de reprodução e de enfrentamento das desigualdades de gênero. Por isso, discutir as assimetrias de gênero no ambiente escolar é um caminho para se repensar as práticas opressoras sofridas por mulheres na sociedade e na própria escola.



Nessa perspectiva, bell hooks (1994; 2017) defende que a sala de aula pode ser um espaço de transgressão e de prática da liberdade. Portanto, para a autora, valorizar a experiência dos sujeitos transforma o ambiente educativo em espaço democrático de construção de conhecimento. Observa-se que assim como discutir as opressões de gênero, é importante oportunizar espaços de fala coletivos dentro da escola para mulheres e meninas, como uma possibilidade de enfrentamento a essas opressões.

Assim, Gayatri Chakravorty Spivak (1985; 2018) problematiza o silenciamento do sujeito subalterno, especialmente da mulher em contextos pós-coloniais. A reflexão da pensadora contribui para compreender o silenciamento como estrutura de dominação. Diante disso, uma forma de enfrentar esse silenciamento é valorizar as narrativas de mulheres no contexto escolar por meio da fala, como propõe este caderno pedagógico.

Além disso, Carla Akotirene (2019) amplia essa discussão ao trabalhar o conceito de interseccionalidade, evidenciando que gênero, raça e classe operam de forma articulada na produção de desigualdades e opressões. Dessa forma, trabalhar



entrevistas com mulheres da comunidade escolar não constitui apenas estratégia linguística, mas prática política de:

- valorização de narrativas femininas;
- enfrentamento do silenciamento;
- construção de pensamento crítico;
- fortalecimento da escuta e da alteridade.



# A PESQUISA PARTICIPANTE E A DIMENSÃO POLÍTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A pesquisa apoia-se na metodologia participante, conforme Brandão (1987) e Gil (2002), entendendo que a produção do conhecimento ocorre na interação entre pesquisadora e/ou pesquisador e participantes de maneira isonômica. Essa abordagem metodológica pressupõe que as pessoas envolvidas devem ser consideradas como sujeitos ativos na pesquisa e não apenas como meros objetos de análise e observação. À vista disso, propõe-se o desenvolvimento da SD em um grupo de extensão, já que este pode se apresentar como espaço formativo e de escuta capaz de gerar uma construção coletiva de sentidos alternativo à sala de aula.

# A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O infográfico a seguir apresenta a Sequência Didática desenvolvida por meio de um projeto de extensão, que aconteceu em 9 encontros, de 2 aulas de 50 minutos cada. Depois, cada encontro será mais detalhado. Esta sequência foi aplicada no período de outubro a dezembro de 2025 e contou com a participação de alunas do ensino médio da EEEM Benício Gonçalves, escola da rede estadual capixaba. Ainda, as alunas participantes elegeram e entrevistaram mulheres da comunidade escolar, enaltecendo a narrativa de vida das entrevistadas ao conseguirem criar um espaço coletivo e seguro de fala e escuta. Além disso, todos os encontros foram gravados em formato audiovisual e resultaram no documentário "Falar é resistir".

1

### GÊNERO ENTREVISTA

Apresentação e discussão de entrevistas de Tatá Werneck e Carla Akotirene; roda de conversa comparativa; construção coletiva do conceito por meio de mapa mental.

2

### ROTEIRO E VOZ

Leitura compartilhada de relato de Edita Neves; exibição de vídeo "Narrativas femininas que ecoam"; debate oral; simulação de entrevista em duplas; apresentação e elaboração roteiro de entrevista.

3

### REVISÃO E REESCRITA

Autoavaliação, troca de roteiros e reescrita colaborativa. Temas: Ética na escuta.

4

### ORALIDADE

Dinâmica de entonação, leitura dramática com "A história de Maria Violeta". Temas: Machismo; relações abusivas; superação.

5

### ASPECTOS PARALINGÜÍSTICOS

Análise de enquadramento e cenário do vídeo "Toda vez que vou dar uma entrevista, tenho medo do resultado... diz Alice Cadeirante". Temas: Deficiência e apagamento social; comunicação multimodal.

6

### GRAVAÇÃO I

Realizar entrevistas com mulheres da comunidade escolar. 2 aulas de 50min. Recursos: câmera, microfone, cenário.

7

### GRAVAÇÃO II

Continuação das gravações. Narrativas femininas e histórias de resistência.

8

### GRAVAÇÃO III

Finalização das entrevistas audiovisuais/documentário com a comunidade.

9

### AVALIAÇÃO

Roda de conversa e reflexão coletiva. Compartilhamento de percepções e síntese final sobre diversidade de trajetórias.

Oportunizar espaços para que as vozes de mulheres possam ser ouvidas e apresentar uma contranarrativa face ao silêncio como estrutura dominante.



# 1º ENCONTRO

O primeiro encontro tem como objetivo apresentar o gênero entrevista às alunas e aos alunos, bem como possibilitar a compreensão de suas principais características. Inicialmente, propõe-se um momento de apresentação e discussão oral a partir de entrevistas audiovisuais, com duração prevista de 30 minutos. Para isso, são necessários projetor, tela de projeção, caixa de som e computador com acesso à internet. As estudantes e os estudantes podem ser organizados em uma roda para assistir aos vídeos selecionados e, após cada exibição, sugere-se que a professora ou o professor realize uma conversa orientada acerca do conteúdo e dos elementos constitutivos do gênero entrevista que possam ser identificados.

O primeiro vídeo sugerido é a entrevista intitulada "Tatá Werneck fala sobre MEDOS e sua história no HUMOR | Conversa com Bial",



conduzida por Pedro Bial com a participação de Tatá Werneck, disponível na plataforma online do YouTube (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K5PT1ednTo4>. Acesso em 03 de fev. 2026). Após a exibição, podem ser levantadas questões como: quem são as pessoas que aparecem no vídeo?; o que o apresentador descreve no início e qual a importância desse momento introdutório?; como o assunto se desenvolve ao longo da interação?; qual tópico mais chamou a atenção e por quê?; o que poderia ser acrescentado à fala da entrevistada sobre a visão misógina direcionada a mulheres humoristas?

O segundo vídeo, "O que é interseccionalidade, Carla Akotirene? | Espelho com Lázaro Ramos", apresenta uma entrevista realizada por Lázaro Ramos com

Carla Akotirene, também disponível na plataforma online do YouTube (Disponível em: <https://youtu.be/enBXbQilljI?si=0UynhFiYfChTsa24>. Acesso em 04 de fev. 2026). Após a exibição,



a discussão pode contemplar perguntas como: qual é o assunto principal do vídeo?; de que maneira a entrevistada inicia a explicação sobre interseccionalidade?; por que ela foi provavelmente convidada para o programa?; como será que se deu esse convite?; seria necessário que ambas as pessoas estivessem fisicamente no mesmo espaço para a realização da entrevista?; qual acontecimento, considerando que a gravação ocorreu em 2021, pode ter influenciado o formato adotado?

No segundo momento do encontro, com duração prevista de 20 minutos, propõe-se a continuidade da roda de conversa, agora com foco comparativo entre as duas entrevistas. As questões orientadoras podem abordar as semelhanças e diferenças percebidas, os elementos não verbais relevantes, como cenário, figurino e postura, a adequação das roupas utilizadas, a conduta das convidadas e dos apresentadores, bem como a identificação do gênero discursivo a que pertencem os vídeos, solicitando justificativas para as respostas apresentadas.

No terceiro momento, com duração estimada de 40 minutos, realiza-se a construção coletiva do conceito de gênero entrevista. Para isso, distribui-se uma folha a cada

estudante, solicitando a elaboração de um mapa mental que destaque os pontos estáveis que caracterizam o gênero. Após a produção individual, promove-se a socialização das construções e a possibilidade de complementação dos registros a partir das contribuições dos colegas, com mediação docente para sistematização dos aspectos fundamentais.

A fundamentação teórica para delinear o gênero entrevista apoia-se nas contribuições de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (1997; 2011), que definem a entrevista como um gênero jornalístico de longa tradição, caracterizado pelo encontro entre uma jornalista ou um jornalista, ou uma entrevistadora ou um entrevistador, e uma especialista ou um especialista, ou uma pessoa que detenha conhecimento ou experiência relevante em determinado assunto. Diferentemente de uma conversa cotidiana, a entrevista configura-se como uma situação formal e planejada de uso da linguagem oral, orientada para atender às expectativas de um público destinatário. Trata-se, pois, de um evento comunicativo estruturado em torno de perguntas formuladas pela pessoa entrevistadora e respondidas pela pessoa entrevistada. Observa-se certa estabilidade no que tange os papéis das

pessoas envolvidas em uma entrevista, uma vez que cabe à entrevistada ou ao entrevistador abrir e encerrar a interação, formular perguntas, introduzir e redirecionar temas e estimular a produção de informações. Já à entrevistada ou ao entrevistado, ao aceitar a situação comunicativa, compete responder e fornecer os dados solicitados.

Segundo os autores, o ensino do gênero entrevista pode contemplar, de modo articulado, três dimensões principais: o papel da pessoa entrevistadora, a organização interna da entrevista e os mecanismos de regulação local da interação. Dessa forma, o trabalho pedagógico proposto busca articular prática de análise, reflexão coletiva e sistematização teórica, favorecendo a compreensão crítica do funcionamento desse gênero discursivo na esfera midiática e social.

## 2º ENCONTRO

O objetivo deste encontro é levar as alunas e os alunos a perceberem a importância da elaboração de um roteiro como etapa fundamental para a realização de uma entrevista planejada. No primeiro momento, com duração prevista de 50 minutos, propõe-se a problematização da seguinte questão: qual é a importância de dar voz às mulheres? Para o desenvolvimento dessa etapa, são necessários projetor, tela de projeção, caixa de som, computador com acesso à internet e o discurso impresso ou projetado para leitura coletiva.

O percurso metodológico do 2º encontro inicia-se com a leitura compartilhada do relato de Edite Neves, intitulado "Contar nossas histórias é uma forma de curar as que foram silenciadas", publicado na plataforma Nós, Mulheres da Periferia. Na sequência, exibe-se o vídeo "Narrativas femininas que ecoam", apresentado como homenagem ao Dia



Internacional da Mulher de 2024 pela Fundação Getúlio Vargas, disponível na rede social Facebook da instituição. Após a leitura e a exibição do vídeo, promove-se uma discussão oral acerca da importância de valorizar as vozes e as histórias das mulheres, especialmente aquelas historicamente silenciadas.

A mediação do debate pode ser orientada por questões como: quais aspectos do discurso de Edite Neves foram mais impactantes?; o que significa compreender o ato de contar histórias como forma de cura?; por que tantas vozes, sobretudo de mulheres periféricas e negras, foram silenciadas ao longo da história?; qual o impacto de oferecer espaço para que essas narrativas ressignifiquem suas próprias trajetórias?; a valorização dessas vozes pode contribuir para mudanças estruturais e por quais razões?; de que modo o contato com essas histórias na escola, na mídia e na arte pode influenciar comportamentos?; narrar experiências pode constituir uma forma de enfrentamento ao esquecimento ou à invisibilidade social? Esse momento busca ampliar a consciência crítica das estudantes e dos estudantes acerca das possibilidades da fala como resistência e como enfrentamento ao silenciamento opressor que as mulheres sofrem.

No segundo momento, também com duração estimada de 50 minutos, realiza-se uma simulação de entrevista. Para essa etapa, é necessária uma folha com modelo de roteiro impresso, ou projetado na tela de projeção. Após a discussão inicial, a turma é organizada em duplas, com a finalidade de que cada integrante entreviste o outro, buscando conhecer sua narrativa pessoal. A atividade tem como propósito a reflexão sobre quais perguntas são pertinentes para acessar a história de alguém e, ao mesmo tempo, evidenciar as limitações de uma entrevista realizada sem planejamento prévio. Sugere-se que cada rodada de perguntas tenha duração aproximada de 15 minutos.

Concluída a simulação, promove-se uma reflexão coletiva sobre a experiência. A condução docente deve enfatizar a importância do planejamento na organização dos tópicos, na definição de objetivos e na construção de perguntas que favoreçam o aprofundamento temático. Nesse momento, apresenta-se ao grupo um modelo de roteiro de entrevista, que pode seguir o disponibilizado na sequência, e explicita-se que o objetivo final do projeto será a realização, por cada estudante, de uma entrevista com uma mulher da comunidade

escolar, a fim de que ela compartilhe sua narrativa. Esclarece-se, ainda, que essas entrevistas serão gravadas em formato audiovisual e integrarão o documentário do grupo de extensão.

SUGESTÃO DE MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ESTUDANTES-  
PARTICIPANTES DA PESQUISA

Apresentação da entrevistada:

Olá, estamos aqui hoje com a NOME DA ENTREVISTADA que é DESCRVER O VÍNCULO COM A ESCOLA (MÃE DE ALUNA/ALUNO, EX-ALUNA, FUNCIONÁRIA, ETC.) da escola Benício Gonçalves, aqui em Vila Velha. Vamos conversar sobre a história dela e conhecer um pouco mais sobre sua trajetória. Seja bem-vinda, NOME DA ENTREVISTADA.

Sugestão de perguntas:

- A primeira coisa que eu gostaria de te perguntar é onde que você nasceu?
- Você considera importante conhecer as suas raízes? Por quê?
- O que você aprendeu com as pessoas na infância que mais te marcou?
- Como foi/é a sua trajetória escolar? Tem alguma memória significativa que você gostaria de compartilhar?
- Quais desafios você enfrentou como mulher até hoje?
- Como você lidou com os momentos de tristeza causados por esses desafios?
- O que te deu, ou te dá, forças para enfrentar esses acontecimentos?
- Agora, vamos mudar um pouco o assunto... O que é felicidade para você?
- Qual momento que você viveu essa felicidade que você falou?
- O que você gostaria que tivesse te contado sobre a vida, mas que você teve que descobrir sozinha?

Conclusão da entrevista:

Muito obrigada, NOME DA ENTREVISTADA, por participar desse momento aqui com a gente, foi um prazer poder te conhecer e poder apresentar para outras pessoas a sua história!

Por fim, analisa-se coletivamente a estrutura do roteiro apresentado, destacando suas partes constitutivas, como introdução, desenvolvimento e encerramento. Orienta-se que cada discente produza seu próprio roteiro, podendo inspirar-se no modelo disponibilizado, e que, já nesse momento, defina a mulher da comunidade escolar que pretende convidar para participar da entrevista. Esse encaminhamento reforça a dimensão processual do trabalho e consolida a compreensão de que o planejamento, com a elaboração de um roteiro, é elemento estruturante para a condução de uma entrevista.



# 3º ENCONTRO

Este encontro tem como finalidade aprofundar a compreensão do gênero entrevista a partir do trabalho com a revisão e o aprimoramento dos roteiros produzidos pelas estudantes e pelos estudantes. Inicialmente, propõe-se um momento de leitura individual, no qual cada participante retoma seu próprio roteiro, observando a clareza das perguntas, a coerência na organização temática e a adequação da linguagem ao perfil da entrevistada. Essa etapa busca desenvolver a capacidade de autoavaliação e de percepção crítica sobre o próprio discurso, entendendo a escrita como processo para o momento de fala planejada da entrevista.

Na sequência, realiza-se uma dinâmica de troca de roteiros entre colegas, possibilitando a leitura cruzada e a oferta de sugestões de melhoria. A mediação docente deve orientar o olhar das alunas e dos alunos para aspectos como a pertinência das perguntas, a progressão temática, a presença de uma introdução contextualizadora e de um encerramento adequado, bem como a formulação de questões abertas que favoreçam respostas mais desenvolvidas. Esse momento fortalece a dimensão colaborativa da produção textual e amplia a compreensão de que a reescrita

constitui etapa essencial do trabalho com gêneros discursivos.

Após as contribuições de colegas, cada estudante procede à reescrita do roteiro, incorporando as sugestões consideradas pertinentes. A reescrita pode ser realizada de forma manuscrita ou digital, conforme os recursos disponíveis. Destaca-se que esse movimento não se limita à correção gramatical, mas envolve decisões discursivas mais amplas, como reformulação de perguntas, reorganização da sequência temática e ajuste do nível de formalidade.

Ao final do encontro, promove-se uma breve socialização das principais alterações realizadas e das dificuldades encontradas durante o processo. Essa sistematização coletiva contribui para consolidar aprendizagens relativas ao planejamento, à construção de perguntas e à responsabilidade ética implicada na escuta da narrativa das mulheres entrevistadas, reforçando que a entrevista é um gênero que demanda intencionalidade, organização e sensibilidade na interação.



# 4º ENCONTRO

Este encontro tem como objetivo desenvolver aspectos relacionados à oralidade, com ênfase na fluência, na entonação e na expressividade vocal em situações de fala planejada. No primeiro momento, com duração aproximada de 50 minutos, propõe-se uma atividade lúdica voltada à exploração das variações de entonação. Organizados em círculo, as estudantes e os estudantes participam de uma dinâmica em que uma caneta é passada de mão em mão e, ao recebê-la, cada participante deve enunciar a frase "De quem é essa caneta?" reproduzindo ou variando o tom, a altura e a intensidade da voz da pessoa anterior. O exercício permite perceber como alterações prosódicas produzem efeitos de sentido distintos, evidenciando que a entonação interfere diretamente na interpretação do enunciado.

Na sequência, realiza-se a leitura dramática de trechos da peça "A história de Maria Violeta", da dramaturga capixaba Adriana Coutinho Ramos, disponibilizada a seguir. Sugere-se a seleção de cenas que abordam momentos significativos da trajetória da protagonista, como sua decisão de migrar para Vitória em busca de melhores condições de vida ou episódios que evidenciam relações abusivas. Ressalta-se

que a atividade deve ser conduzida com sensibilidade, considerando a densidade temática das cenas escolhidas. Durante a leitura, orienta-se que as alunas e os alunos atentem para ritmo, pausas, projeção vocal e expressividade, compreendendo que tais elementos não verbais colaboram para a construção de sentidos e para a caracterização das personagens.



Sou Capixaba, tenho 42 anos e intensa! Amo ver as palavras valsando harmoniosamente nas bocas. Defendo as interjeições e as mesóclises, com unhas e dentes. Lamento o desuso do trema. Nasci com a escrita poética e ela de mim não sai. Meu primeiro poema foi de amor por um menino que não existia. Vejo o amor romântico como uma história fictícia, com a possibilidade de encantar, se bem contada. Sou enfática e feita de pele e sentidos. Tenho o coração acelerado, na maior parte do tempo e sem qualquer diagnóstico, eu pulso! A Dramaturgia A História de Maria Violeta, vem deste lugar inquieto e sedento.





## A HISTÓRIA DE MARIA VIOLETA

Adriana Coutinho Ramos

### APRESENTAÇÃO

Esta dramaturgia contém machismo, preconceito, pobreza. Contém também poesia e canções. Mistura fatos reais e ficção, flores murchas, brotos viçosos e sementes esperançosas. Nela recontarei partes da história de Dona Maria Zeferino, minha estimada mãe.

A motivação para esta empreitada é o fato de eu temer que com o passar do tempo, os detalhes de sua jornada se percam, o que me aguça a vontade de ver isso pronto, antes que eu "bata as botas", como ela falava. Um lamento pelo qual já não posso chorar, mas que é quase insuportável, é o de eu nunca ter anotado a receita das rosquinhas fritas dela, e o mesmo descuido tive com seu delicioso bolo-pudim.

Mamãe era cozinheira de mão cheia! Quando botava o lencinho vermelho já era prenúncio de que coisas boas estavam por vir da cozinha. Ela amava fazer a família feliz com a comida que preparava.

Era destas pessoas que, apesar da sequência de mazelas sofridas, mantinha o bom humor. Pensando bem, talvez o bom humor dela tenha sido construído durante a dureza da vida, como válvula de escape, porque no seu percurso não houve muita coisa para fazê-la rir, muito pelo contrário. Comer o pão que o diabo amassou, ou não comê-lo porque acabara, além de tirar as forças, me faz pensar que em qualquer ser humano comum, isso fomentaria uma amargura crescente. Porém, ela não aparentava. Mantinha uma carinha boa, uma tez serena, e só mudava de expressão quando um filho adoecia ou quando eu, literalmente, apertava o calo dela. Mamãe tinha um trem que era meio que um cravo de estimação bem alimentado na sola do pezinho direito. E eu adorava mexer naquilo, talvez, pra vê-la esbravejar comigo. Era um tipo de inteiração, sei lá.

Escrever sobre a Dona Zefa, Zé, Zequinha, também representa, para mim, dar mais atenção do que já dei, entregar-me mais do que me entreguei para ela em vida. Não que eu tenha sido uma má filha, longe disso, mas eu tenho consciência de que eu podia, por exemplo, ter tido mais paciência.

Nesta dramaturgia a Dona Maria Zeferino será chamada de "Maria Violeta".

**Período em que a peça se passa:** 1948-2014.

**Local:** Interior do Espírito Santo e Capital.

**Maria Violeta:** Corpo franzino na infância e adolescência e esguio na juventude. Maria Violeta é linda! A família dela é descendente de índios, porém ela é negra de pele clara, assim como sua mãe, Elvira Alfazema, da qual Maria Violeta herdou a calma e a serenidade. Expressão doce de quem ainda é tomado por sonhos e esperança, com o decorrer dos atos muda um pouquinho, à medida que a dura realidade teima em assolá-la.

#### **CENA 1 - O BROTO**

Palco escuro, vai clareando aos poucos, porém sem permitir muita definição... Uma voz triste, infantilizada, fala ao fundo. A doce voz vai diminuindo até desaparecer.

- Eu nasci! Acreditem, eu nasci! Mamãe, eu tô aqui. Me falta um pouquinho de ar, mas eu tô aqui. Eu tô aqui... eu tô aqui.

## CENA 2 - O MAU AGOURO

Três mulheres rodopiando e como galhas, com vozes finas e altas falam perturbadamente a frase:

- Não vai vingar, não vai vingar, por que vingaria? Não, não vai! NÃO-VAI-VINGARRRRR!!!

A cena é de desordem e loucura. A voz de Maria Violeta sobrepõe a das mulheres num só grito:

**Maria Violeta** - Eu vou sim!

Elas abaixam a cabeça e saem se arrastando, pesadas, corcundas.

## CENA 3 - O LAMENTO DA MÃE

Entra em cena Dona Elvira Alfazema. Vestido fechado, abaixo do joelho, lenço amarrado na cabeça, cesta e vara de pesca num braço, bebê Violeta no outro. Expressão de lamento. No chão uma esteira de palha. Dona Elvira deixa cesta e vara encostadas na parede e se abaixa, coloca a mão nas costas, referindo à dor (ela sofre de reumatismo), ajeita o bebê com afeto na esteira e conversa com ela, como se Maria pudesse compreendê-la.

**Elvira Alfazema** (levanta-se com esforço, olha para cima como se desejasse alcançar aos céus e clama) - Minha menina, tão pequena e tão frágil, pudesse eu tirar um pouco das forças que me restam e doá-las para ti! Mas Deus há de ter piedade de nós!

Pega os apetrechos de pesca e sai resignada. O barulho do fechar da porta delimita o retorno da voz, em tom de agonia, da bebê maria.

**Maria Violeta** - Não, mamãe, não vá! Eu tenho medo de ficar aqui sozinha. Não me deixe, não me deixe!

## CENA 4 - EMPREGADA DOMÉSTICA

Começa com Maria aos 16 anos. Palco bem claro. Tábua de passar, cadeira, vassoura compõem a cena. Violeta veste lenço, blusa meia manga e bermuda maior que ela.

Em sua mão um lençol grande, branco, de casal, que ela dobra e redobra (sem muita efetividade) enquanto canta canção "Foi Deus quem fez você" de Amelinha.

A cantoria logo cessa quando alguém bate à porta. Violeta abre. É sua irmã Rosa que, ao terminar as atividades de casa, veio reclamar da vida com ela. Violeta puxa uma cadeira e coloca Rosinha sentada no cantinho da área de serviço.

**Maria Violeta** - Ô, minha irmã, hoje eu tô é bem atolada de coisa pra fazer. Senta aí! Só não importa de eu ir te ouvindo e trabalhando ao mesmo tempo, porque se a patroa chega e eu não terminei este afazer, eu me estrepo inteirinha!

**Rosinha** - Tá bom, irmã. Só queria conversar um pouco. É que tá difícil demais agradar aqueles nossos irmãos, viu? Pra você ter ideia, hoje o Alfredo achou que não tava bem passada aquela calça de linho e esfregou ela na minha cara! E ainda falou que era pra eu aprender, que estava fazendo aquilo para o meu bem. Disse ele que mulher que não sabe cuidar de um homem não devia nem ter nascido.

Rosinha abaixa o rosto e ameaça chorar. Violeta, que está do outro lado da área, mais que depressa larga o lençol de qualquer jeito em cima da tábua, e vai dar um carinho no rosto de Rosinha, ocasião em que percebe o quão ferido ele está.

**Maria Violeta** - Meu Deus! Como ele pôde fazer isso com você?! Eu já tô calejada dos tapas daqueles meninos. Esta ferida de ferro quente até hoje me dói, (aponta para a perna que ainda nem cicatrizou), mas saber que ele tá fazendo isso com você, que é nossa caçula, me revolta demais Rosinha. Ei, olha pra mim! (Levanta a cabeça de Rosinha pelo queixo e olhando firmemente nos olhos fala). Eu tô com você, minha irmã. Naquilo que você decidir, eu te apoio.

**Rosinha** - Sabe, irmã, o que eu tenho pensado mesmo é em ir pra Vitória, tentar a vida lá, longe deles! Mas o que me dói é deixar aqui nossa mãe magoada e nfeliz.

Violeta volta pra perto da tábua e continua a dobrar e redobrar aquele lençol enorme. Balança a cabeça de modo afirmativo

**Maria Violeta** - Eu te entendo, eu te entendo.

Rosinha se levanta da cadeira rapidamente e vai até Violeta, ocasião

em que a interroga enfaticamente.

**Rosinha** - Maria, você iria comigo?! Veja bem, lá com certeza tem mais emprego que aqui! Logo, logo a gente se ajeta!

**Maria Violeta** - Ir embora? Largar o trabalho e ir pra um lugar em que a gente não conhece ninguém?

**Rosa** - Sim...

**Maria Violeta (segurando as duas mãos dela)** - Eu não sei, Rosinha. Tenho medo.

Cena finda com elas se olhando. Palco escurece progressivamente.

#### CENA 5 - A DESPEDIDA

Inicia-se na casa de Maria Violeta. Cena sem falas. Vara de pesca, cesto e esteira no chão. O casebre mantém o mesmo aspecto de há 16 anos. O que difere é apenas uma mesinha com uma cadeira no canto direito e uma mala no centro do palco. Violeta entra com olhar pesaroso, olha para todo o seu entorno, se despedindo silenciosamente. Tateia os objetos, as paredes, volta ao centro do palco, inspira profundamente, pega sua mala decididamente e sai!

#### CENA 6 - CHEGADA À RODOVIÁRIA

Banquinho, Rosinha sentada, pernas cruzadas, batendo, demonstrando ansiedade. Barulho de ônibus e pessoas falando. Rosinha está na Rodoviária de Vitória, esperando por Maria Violeta. Eis que se avistam, Rosinha se levanta depressa e de braços abertos corre ao encontro de Violeta. Palco apaga.

#### CENA 7 - A ÚNICA PAIXÃO

Na parede interna, no canto direito do cenário, está uma faixa que vai até o chão onde figura, em preto e branco, o grafite de um relógio de praça, bem grande e antigo. Do lado esquerdo do palco um banco de madeira, em que se assentem duas pessoas.

Nesta cena Maria Violeta apaixona-se. Na Praça Oito apaixona-se para sempre, pelo único homem de sua vida.

Era seu primeiro mês na Capital. Maria ficava encantada com tudo que via. Avistou o relógio grande no meio da praça e parou em frente para contemplá-lo. Eis que para contribuir com seu deslumbramento, o imenso marcador do tempo começa a tocar, informando que são 10 horas da manhã.

Passado o bom susto, em virtude do poético embalo dos sinos, Maria segue fascinada olhando para cima. Não percebera, até então, que da mesma forma estava ela sendo observada insistentemente por um cavalheiro. Moço este que não demorou em abordá-la, com o fim de cortejá-la.

**Cravo** - Bom dia! Vejo que está encantada pelo majestoso relógio. Se aproxima ao lado de Maria, até um pouco perto demais, fazendo aparentar desejar contemplar o relógio também.

**Maria Violeta** (numa timidez que não se pode medir, enrubescida responde) - Sim Senhor, é lindo! Nunca vi nada assim na vida!

Abaixa o rosto e vai se afastando do rapaz, que mais que depressa toca-lhe o braço e profere:

**Cravo** - Mais lindo que ele, só a senhorita! Imagino que não sejas daqui de Vitória, haja vista tal encantamento!

**Maria Violeta** (sem acreditar que estava sendo cortejada por aquele moço bonito, responde ainda mais encabulada) - Obrigada pelo elogio, senhor. Não, não sou daqui. Vim do interior.

**Cravo** - Não tem pelo que agradecer, meu anjo. Estou apenas falando a verdade. Você é linda e pelo que percebo também é muito simpática e educada. Esteja aqui às 11h e ao soar do sino, poderá perceber que se tratam dos sete acordes do Hino do Espírito Santo.

**Maria Violeta** (mais relaxada responde, já ensaiando até um ar de empolgação) - É mesmo? Nossa! Vou ficar sim! Quem sabe assim não aprendo também a cantarolar o hino do Espírito Santo!

Sorri para ele.

**Cravo** - Seria um prazer esperar a próxima hora chegar em sua companhia.

À medida que fala, o galante rapaz entrelaça suavemente o ombro de Maria com seu braço, até que os dois alcançam o banco da praça, e sem que Violeta pudesse ter tempo para negativas, segue dizendo:

**Cravo** - A cidade de Vitória tem muito mais pra te mostrar. E eu creio que você também tenha muito a mostrar para cidade de Vitória.

**Maria Violeta** - Que isso, moço. Eu não tenho nada pra mostrar, não. Vim aqui trabalhar. Inclusive preciso ir. Minha irmã tá me esperando, vai me levar pra conversar com uma patroa.

**Cravo** (insiste) - Entendo. Mas, calma, assim que o relógio soar, você estará livre. Na verdade, passadas as 7 badaladas eu vou te levar para onde a senhorita desejar ir.

**Maria Violeta** (rubra, recusa) - Não, não. Muito obrigada! Obrigada, mesmo. É logo ali. Já me informei que é perto, não precisa se incomodar não.

**Cravo** (a interpela) - Onde sua irmã está te esperando? Qual é o nome dela?

**Maria Violeta** - É Rosinha. Marcou comigo na praça do Costa Pereira às 11:30. Eu cheguei cedo e resolvi parar aqui. Mas já estou indo para lá.

**Cravo (parece se resignar)** - Tudo bem, tudo bem. Ouçamos os sinos e você vai. Mas quero que me prometa algo, só assim a deixarei ir.

Violeta arregala os olhos assustada e antes que respondesse qualquer coisa, ele prossegue.

**Cravo** - Permita-me vê-la novamente! Amanhã às 10h estarei aqui de novo com o objetivo exclusivo de encontrá-la. Esperarei até às 11h. E caso você não venha, estarei aqui depois de amanhã, e depois e depois e depois, até que você reapareça.

**Maria Violeta (incrédula)** - Mas por quê?

**Cravo** - Porque nunca vi alguém tão linda na vida. Porque jamais deixaria escapar a chance de te conhecer melhor.

Quando Maria Violeta ameaça dar-lhe uma resposta, os sinos soam 7 vezes. Ela se levanta e olha para o relógio como se pudesse ver o som das notas saltitando desenhadas no entorno do monumento. Ao findar dos toques, ela olha repentinamente para o ele e diz que precisa ir. A cena se encerra com a personagem saindo apressada do palco.

#### **CENA 8 - O NOVO EMPREGO**

O palco é uma sala de estar. Maria e Rosinha conversam enquanto aguardam Maria Violeta ser chamada para a entrevista de emprego.

**Rosinha** - Ai, Maria, eu tô tão animada! Certeza que ela vai gostar de você. Todas lá de Aracruz gostavam, com esta não vai ser diferente. Só você dizer que dorme no emprego, que lava e passa e que se precisar, até olha os meninos dela. Aí, pronto, tá na mão. Certeza!

**Violeta** - Será minha, Irmã? Tomara, viu. Meu dinheirinho já tá acabando. Não dá pra virar o mês sem emprego não, viu. Senão, vou ter que voltar pra casa.

**Rosinha (agitada, falando mais alto do que devia)** - Maria, voltar pra casa não é uma opção! Eu, hein! Cala-te boca! Aqui chegamos, aqui vamos ficar. Aqui vamos ser felizes pra sempre! E se você não conseguir esta vaga, outra vai surgir. Enquanto isso eu seguro as pontas. Tô de auxiliar de costura lá na loja e tá entrando um dinheirinho a mais, graças a Deus!

**Maria Violeta (com voz suave)** - Ô, minha irmã, você sempre me animando, me apoiando. Às vezes me sinto a caçulinha em seu lugar, sabia?

Elas se abraçam sorrindo. Maria Violeta é chamada para ser entrevistada.

Voz da possível patroa (dando sinais de impaciência) - A próxima já pode entrar!

**Maria Violeta (animada)** - Sou eu! Sou eu! (Sussurrando pra Rosinha) Voz de bruxa!

Quando ela entra, Rosinha tira da bolsa uma revista "Moda Moldes" e folheia enquanto espera. Passados alguns minutos Maria Violeta sai feliz.

**Maria Violeta** - Ela me quis, ela me quis! Começo na segunda! E ela é fofa! Né bruxa, não. (Rindo).

**Rosinha (levantando-se do sofá)** - Que maravilha! Mas pensei que ela ia querer que comesse imediatamente.

**Maria Violeta** - Não, não. Eu até preferi assim. Amanhã tem uma coisa que preciso fazer.

**Rosinha** - Que carinha é esta, Maria? Tá com cara que vai aprontar? Maria, Maria...

**Maria Violeta** - Ai, Rosinha, eu vou lhe contar, porque não tô me aguentando. Preciso mesmo falar com alguém!

**Rosinha (rindo)** - Ai, ai, ai, ai, ai, ai! Conta logo!

**Maria Violeta** - Hoje cedo eu conheci uma pessoa. (Violeta põe a mão no rosto de vergonha. Mas prossegue toda espreitada, falando rápido e gesticulando) E ele é lindo! Tem bigodes! Um bigode grandão assim (faz com os braços). Parece um quadro que tinha na parede da casa da minha antiga patroa. Um que parece com o moço da nota de mil cruzeiros.

**Rosinha** - Ah sei, sei, o Barão!

**Maria Violeta** - Isso, isso! E ele é um moço grande, usa blusa e calça social. Anda com uma bolsa tipo de coro e fala difícil, cheio de palavra bonita, sabe?

**Rosinha (repreendendo Maria)** - Tá, mas conheceu onde? Falou com estranho no meio da rua Maria? Ai, meu Deus! Esqueceu as recomendações de mamãe Alfazema? Maria, Mariiiiia!

**Maria Violeta** - Eu sei, eu sei! Fiz nada de errado não! Mas me deixa terminar de contar! Ele me chamou de linda. Disse que nunca viu alguém tão encantadora quanto eu, e me fez prometer que amanhã vou ao seu encontro.

**Rosinha (interessadíssima, porém tentando conter a preocupação)** - Meu Deus, que sortuda! Nem bem chegou e já tá arrasando com os corações da nata capixaba. Mas, me diz, você vai mesmo Maria?

**Maria Violeta** (com as duas mãos no peito, parecendo tentar conter a euforia, o encantamento) - Ai, Rosa, eu acho que vou sim. Eu senti uma coisa no meu peito que eu nunca senti antes. Ele é um homem diferente, sabe? Diferente dos nossos irmãos, do nosso pai, diferente de qualquer homem que eu já tenha visto na vida. Na verdade, só vi isso até hoje na novela "Pai Herói". É! Eu vou, sim!

**Rosinha** (irônica) - Pai-Herói, só se for na novela mesmo.

**Maria Violeta** (prontamente retruca) - Tá, tá, vou trocar o nome da novela, pode ser a sua favorita "Uma Rosa com amor". (As duas saem porta a fora, rindo a valer).

### CENA 9 - AMOR ABUSIVO

Maria Violeta e Cravo estão no Parque Moscoso, passeando de mãos dadas. Aparentam estar muito apaixonados. Na frente do lambe-lambe, acariciando a mão de Violeta.

**Cravo** - Sua mão é tão macia e sensível. São mãos de uma dama. Logo logo elas não estarão mais assim, sabia?

**Maria Violeta** - Como assim?

**Cravo** - A atividade que você desempenha, trabalhando para os outros, vai acabar com a beleza das suas mãos. Na verdade, vai acabar com a sua beleza por inteiro.

**Maria Violeta** - Nossa, Cravo, você nunca falou assim comigo. Tô ficando triste.

**Cravo** - Eu entendo sua tristeza, Violeta. Mas, na verdade, não são minhas palavras que estão te entristecendo, e sim a sua consciência de que isto realmente vai acontecer se você não sair deste emprego.

**Maria Violeta** - Cravo, eu não estou te entendendo. Meu emprego é tudo o que eu tenho, além de você e da Rosinha. É ele que me possibilita comer, dormir, comprar minhas coisinhas. É ele que me dá dignidade, Cravo.

**Cravo** - Calma, meu amor. Não fique nervosa. Saiba que tudo o que eu lhe falo é para o seu bem. Eu te amo, não amo? Ou você duvida do meu amor?

**Maria Violeta** - Eu sei que ama, sim. Só achei, sei lá, esquisito você falando desse jeito.

**Cravo** - Violeta, meu amor, me ouça. Você precisa sair deste seu emprego. Deixa comigo que o resto eu resolvo. Uma mulher como você não devia se preocupar com nada. Eu tenho minha empresa, sou um homem de posses, e posso te dar tudo o que você precisar.

**Maria Violeta** - Entendi, Cravo. Vou pensar, viu?

**Cravo** - Que bom, meu amor. Que bom.

**Maria Violeta (para quebrar o climão, muda de assunto)** - Meu bem, meu bem, olha só o que eu aprendi a cantar. Quer dizer, a cantarolar né, porque ô letrinha difícil! Ouça isso:

"Salve o povo espírito-santense!

Herdeiro de um passado glorioso,

Somos nós a falange do presente,

Em busca de um futuro esperançoso."

La la la la la la la

- Olha esta parte, que linda! (Pega nas mãos do Cravo e começa a

rodopiar com ele enquanto canta. A cena acaba assim).

"Venham louros, coroas, venham flores,

Ornar os troféus da mocidade;

Se as glórias do presente forem poucas;

Acenai para nós posteridade!"

#### **CENA 10 - A CASA É UM HOTEL**

Se dá num quarto de Hotel. Maria Violeta está Grávida de 8 meses. Rosinha está na cama sentada ao seu lado conversando com ela.

**Maria Violeta (chora muito enquanto fala sem parar)** - Ele disse que seríamos felizes para sempre, que cuidaria de mim, que nunca ficaríamos um sem o outro. Mas ele foi ficando estranho. Nunca quis me levar para conhecer os pais, começou a me ver só na hora do almoço, não me dava o telefone nem de casa, nem da empresa, e quando eu questionava, ele dizia que me amava e que era pra eu confiar nele! (Ela bate forte com as duas mãos na cama, demonstrando estar com muita raiva) Agora, me colocou aqui. E eu fico mais sozinha que tudo. (Passando a mão na barriga) Se não fosse o meu bebê, e se não fossem as suas visitas, Rosinha, eu acho que já teria morrido de tanto desgosto. Por que ele tá fazendo isso comigo, minha irmã? (Segura Rosinha pelos ombros e começa a falar mais baixo, forjando uma calma que logo passa) Ele tá sem tempo, né? Se ele me ama e está fazendo isso é porque não tem outro jeito, né. Logo isso acaba e gente vai ser feliz juntos, não vai?!!! (Volta a chorar mais ainda).

Rosinha quer acalmar a irmã, levou até um suco de maracujá. Precisa lhe contar o que descobrira, mas teme por sua reação.

Rosinha (serve o suco no copo e entrega para Violeta e com fala enfática dispara) - Maria, você tem que ser forte! Viemos pra cá com o objetivo de sermos felizes. Fugimos do sofrimento. Não foi? E vamos continuar com este propósito independente dos acontecimentos! Não vai ser outro homem que vai te impedir de ser feliz não, minha irmã. Tá repreendido! É aqui e agora que a gente vai acabar com esta maldição. Veja bem, você tá aí, linda com esta criança na barriga e isto é uma benção. Quem diria, Maria! Mamãe contava que você nasceu tão franzina que achavam que nem ia pra frente e você tá aí, gerando outra vida. Isto é porque você é forte, Maria, desde sempre você foi a fortaleza em pessoa.

Maria contém um pouco o choro e ouve Rosinha atentamente.

Rosinha - Irmã, eu descobri uma coisa ruim sobre o Cravo e preciso lhe contar agora, para que você entenda quem ele realmente é. Cravo é casado e sua esposa está adoentada, acamada. Se ele não pode te encontrar com frequência, ou se não diz onde mora, se não apresenta os pais, é em virtude disso.

Maria Violeta (larga o copo levanta-se, e retruca) - Isso não é verdade, irmã. (Anda angustiada de uma parede a outra no palco enquanto fala). Te falaram isso por pura maldade. Cravo jamais me faria mal!

Rosinha (vai até ela, se posiciona em sua frente e usando o próprio corpo a faz parar) - Maria, não há tempo para negação. Quanto mais você se enganar, mais tempo você vai ficar infeliz. Escuta bem. O comportamento do Cravo, quando engana duas mulheres, é claramente o comportamento de uma pessoa de caráter, no mínimo, duvidoso. Fora que te proíbe de trabalhar, te mantém neste lugar inóspito, grávida... Eu quero que você pense nisso friamente. Analise os fatos. Cravo é um desgraçado, Maria. Um egoísta.

Maria violeta se joga na cama aos prantos. E a cena se encerra assim.

#### CENA 11 - SEGUNDA GRAVIDEZ

Maria Violeta mora no mesmo hotel e está no rol de entrada, de pé, segurando a mão de sua filha Margarida, uma criança de 2 anos. Em sua barriga enorme, já habita Azaléia.

Maria Violeta - Cravo, que bom que você veio! A Margarida hoje faz 2 anos. Como estamos felizes por você ter vindo passar a data com a gente!

**Cravo (friamente)** - Eu ando bastante ocupado. Inclusive estou na correria agora. A Rosinha te deu o dinheiro das fraldas e da comida da semana? (Ele dá um beijo rápido na testa da criança).

**Maria Violeta** - Deu, sim. Mas eu preciso falar com você.

**Cravo** - Estou apressado, Maria. Falemos outro dia.

**Maria Violeta (o interrompe)** - É só que eu tô pensando em voltar para o trabalho, depois que a Azaléia nascer. Tenho passado alguns apertos e Rosinha que tem me ajudado, como sempre.

**Cravo (decidido)** - Maria, me diz uma coisa. A sua carteira de trabalho está com você?

**Maria Violeta** - Está sim, meu amor. Ela é o meu documento de identificação, então, onde eu vou, eu tenho que levá-la.

**Cravo** - Me deixa ver ela?

**Maria Violeta** - Tá bom.

Ela estende a carteira e ele folheia até chegar na página do último contrato de trabalho. Cravo abruptamente arranca a folha em que está escrito Profissão "Empregada doméstica".

**Cravo** - A partir de agora, Maria, você vai trabalhar cuidando das minhas filhas. Já que é trabalho que você quer, me dê uma caneta, eu assinarei sua carteira!

E assim o fez, saindo logo em seguida.

## **CENA 12 - ELAS ME VISITARAM**

Maria Violeta sofre calada. Volta para o quarto. Põe a filha para dormir e depois de muito chorar, pega no sono. Não demora começa a ouvir sussurros. Tenta abrir os olhos e não consegue. Circundam sua cama três mulheres com vestes longas e rostos cobertos. Elas estão numa dança circular, ao mesmo tempo em que segredam melodiosamente as frases:

- Você é filha de Alfazema. Neta de Hortência, Bisneta de Camélia.

- Você é filha de Alfazema. Neta de Hortência, Bisneta de Camélia.

As vozes passam a falar mais alto.

- Você tem o nosso sangue, e a sua força há de vir da nossa história.

- Você tem o nosso sangue, e a sua força há de vir da nossa história.

Depois de algum tempo, Maria Violeta finalmente consegue abrir os olhos, mas imediatamente cessam as falas. Uma brisa toma conta do local, movimentando de leve a cortina.

Ela senta na cama e emocionada responde:

**Maria Violeta** - Mãe, vó, Bisa, eu sei que são vocês. Eu entendo o que estão querendo me dizer. Sim! Eu vou honrar o legado de força nata que me deixaram. Gratidão Mãe, Vó, Bisa. Levanta-se, abre o armário, pega sua mala e nela deposita todas as roupas, esperanças e amor próprio. Ao amanhecer, Maria saiu definitivamente daquele lugar e da vida do senhor Cravo, e prometera a si, às suas filhas e às suas ancestrais que para aquela condição nunca mais voltaria.

### CENA 13 - MINHAS FILHAS, MINHA ALEGRIA

Maria está na cozinha. Passaram-se 22 anos. Ela tem uma filha de 23, cujo nome é Margarida e Azaleia de 21 anos.

Violeta está em volta de panelas, preparando salgados para vender como renda complementar na escola em que trabalha de auxiliar de serviços gerais. No palco, uma mesa de quatro lugares e um fogão.

Na mesa, Margarida e Azaleia estão sentadas interagindo animada e afetuosamente com a mãe que está no fogão.

**Margarida** (amassando com o garfo uma batata doce cozida no prato) - Mãe, amanhã eu tenho aula até mais tarde na faculdade, então, vou chegar depois da senhora, tá? Não se preocupa não.

**Maria Violeta** (em tom de preocupação) - Ô, minha filha, mais tarde que horas? Tadinha da minha filha. Vou separar umas coxinhas destas para você levar pro lanche então.

**Margarida** - Precisa não, mãe. Vou almoçar com as meninas, já combinamos. Mas passa pra cá estas coxinhas que tô desejando elas é agora.

**Maria Violeta** - Vai gastar o que não tem, minha filha?!

**Margarida** - Eita, mãe! Foi lá em 1800 agora, hein! Aquele tempo ruim já passou. Xô, lembrança, xô. Tristeza, xô! Xô!

**Azaléia** (tirando a xícara de café quente da boca, se intromete) - Xô, mesmo! Aff! Mas mudando de assunto, eu também tô a fim desta coxinha! Dá pá nóix, mãe?! (Faz uma pausa e logo em seguida interpela) Irmã, quem faz o melhor papá do mundo?

**Margarida** - Mamãe Violeta, claro! (Margarida logo entra na brincadeira, fazendo outra pergunta em seguindo) E quem é a mãe mais cheirosa da vida?

**Azaléia** - Mamãe Violeta, é claro! E quem é a mãe mais amada do Mundo?

As duas se levantam e abraçando a mãe, dizem juntas:

**Margarida e Azaléia** - Mamãe Violeta, é claro!

**Violeta (rindo)** - Suas bobinhas! Vocês são meus tesouros. Meus orgulhos, minha vida! Mas tá. Sentem-se antes que se queimem. Já, já vão poder se acabar de comer as coxinhas, suas esfomeadas!

Cena finda com elas rindo à beça.

#### **CENA 14 - A DOENÇA TERMINAL**

Passa-se na casa de Maria Violeta. Margarida abre a porta do quarto da mãe e ela está deitada. A filha mostra-se preocupada.

**Margarida** - Mãe! Tá tudo bem? A senhora não costuma ficar na cama até mais tarde.

**Maria Violeta** - Oi, minha filha...

**Margarida (assustada vai até a cama e tocando na mãe pergunta)** - Que que tá acontecendo, mãe? A senhora tá passando mal? Tô te achando quente, tá com os olhinhos caídos.

**Maria Violeta** - Não tô conseguindo levantar. Meu corpo tá fraco. Acho que é uma gripe forte. Avisa lá no meu serviço, minha filha. Consigo ir trabalhar hoje não.

**Margarida** - Vou avisar. Mas vamos agora pra Santa Casa! (Sai esbaforida chamando a irmã) Azaleia, Azaleia! Mamãe não tá nada bem. Corre! Chama um táxi.

Cena acaba com ela saindo porta a fora.

#### **CENA 15 - O DISCURSO PÓSTUMO DA FILHA**

No palco flores, das mais variadas. No canto esquerdo, vestindo preto, está a filha mais nova. Uma foto grande de Maria Violeta em meio às flores, no centro do palco. A filha inicia o discurso póstumo em homenagem à mãe que falecera.

**Azaléia** - Hoje você partiu. Adoramos para que a dor cessasse. Após 14 anos, partiu. Aqui, fisicamente, fica a dor e um medo enorme do vazio, pois nesta vida ninguém nos amou tanto assim. Todavia, fica também a certeza de que o seu melhor ficará em nós para sempre! A sua dignidade, coragem, ousadia e o aprendizado do exercício do verdadeiro amor. Siga, mamãe! Estamos aliviadas, porque o seu sofrimento acabou. Onde você está agora não existe nem angústia, nem dor, nem desamor, nem fome, nem medo. Desejamos, mãe, que Deus tenha lhe preparado um jardim daqueles bem lindos, repleto de mini rosas vermelhas e

violetas mescladas, as quais você ama tanto! E na frente deste jardim, uma cadeira bem macia, confortável, que a permita contemplar tudo isso cantarolando e descansando de fato, como nunca foi possível! Até depois, mamãe. Somos suas, você sabe! Siga em paz e acredite: Nós estamos bem e agasalhadas...

A filha esboça um sorriso terno, e deposita cuidadosa e silenciosamente uma rosa no chão do palco.

Palco escurece.

FIM

Disponível em: <https://elastramam.wordpress.com/2019/12/05/e-book-do-outras-tramas-dramaturgias-escritas-por-e-para-mulheres-faca-o-download-gratuito/>. Acesso em 05/09/2025.

Após a leitura, promove-se uma discussão coletiva acerca das impressões geradas pelas diferentes entonações utilizadas, analisando de que maneira mudanças no modo de dizer alteram a percepção do conteúdo. Esse momento de reflexão visa consolidar a compreensão de que a oralidade envolve dimensões linguísticas e paralinguísticas, como timbre, intensidade, velocidade e pausas estratégicas.

No segundo momento do encontro, também com duração aproximada de 50 minutos, retoma-se o trabalho com os roteiros de entrevista. Em roda, cada estudante realiza a leitura oral de suas perguntas, exercitando a dicção, a clareza e a adequação do tom ao contexto formal da entrevista. O grupo pode sugerir ajustes na formulação ou na ordem das

questões, observando não apenas a estrutura textual, mas também a maneira como elas soam quando verbalizadas.

A atividade culmina com a reescrita final dos roteiros, incorporando as modificações discutidas. Ressalta-se que a reescrita, nesse contexto, articula aspectos textuais e orais, uma vez que a escuta do próprio texto permite identificar ambiguidades, repetições ou construções pouco claras. Dessa forma, o encontro contribui para o aprimoramento integrado das competências discursivas, preparando as/os estudantes para a realização efetiva das entrevistas em formato audiovisual.

# 5º ENCONTRO

Este encontro tem como objetivo ampliar a compreensão das discentes e dos discentes acerca dos elementos paralinguísticos e não verbais presentes em entrevistas audiovisuais, enfatizando como tais recursos contribuem para a construção de sentidos na interação comunicativa. No primeiro momento, realiza-se a exibição do vídeo intitulado "Toda vez que vou dar uma entrevista, tenho medo do resultado, diz atriz cadeirante", disponível na plataforma YouTube (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7rov024w2GU&list=PLEU7Upkdqe7FvJRLDfT3WbzB41HUoafw6&index=7>. Acesso em 08/09/2025), protagonizado pela atriz Tabata Contri. Após a exibição, propõe-se uma análise coletiva dos elementos visuais e sonoros presentes na produção.

Durante a discussão, as estudantes e os estudantes são incentivados a observar aspectos como o enquadramento da câmera, a

organização do cenário, a presença ou ausência da pessoa entrevistadora no vídeo, o uso de recursos



estéticos, como a alternância entre imagens em preto e branco e em cores, e os possíveis significados associados a essas escolhas. A análise pode considerar, por exemplo, que o uso de cenas em preto e branco pode sugerir simbolicamente o apagamento social frequentemente vivenciado por pessoas com deficiência, temática que atravessa o relato da entrevistada. Também se observa que, embora a pessoa entrevistadora não apareça diretamente nas imagens, é possível perceber sua presença por meio das perguntas, evidenciando que se trata de uma entrevista mediada.

Além disso, discute-se o espaço em que a entrevista ocorre, sendo um auditório, e como a alternância de planos entre palco e plateia contribui para a construção de uma narrativa visual que posiciona a entrevistada como protagonista de sua própria história. Esse momento busca desenvolver um olhar crítico sobre as dimensões multimodais da comunicação, destacando que, em entrevistas audiovisuais, os sentidos são produzidos não apenas pelo conteúdo verbal, mas também pela combinação entre imagem, som, cenário, gestos e enquadramentos.

No segundo momento do encontro, organiza-se coletivamente o cronograma das gravações

das entrevistas a serem realizadas pelas alunas e pelos alunos nos próximos encontros. Considera-se, para isso, a disponibilidade das mulheres convidadas e a necessidade de distribuir as gravações de maneira equilibrada, recomendando-se a realização de duas a três entrevistas por encontro, a fim de garantir tempo adequado para cada participante.

Ainda nessa etapa, define-se o cenário das gravações e discutem-se aspectos relacionados à composição visual do espaço, como iluminação, posicionamento da câmera e organização do ambiente. Também se orienta sobre a vestimenta das/os estudantes durante as gravações, considerando tanto o regimento escolar quanto os efeitos de sentido que determinadas escolhas de roupa podem produzir, como maior formalidade ou informalidade. Dessa forma, o encontro contribui para preparar as alunas e os alunos não apenas do ponto de vista linguístico, mas também em relação aos aspectos técnicos e estéticos envolvidos na produção de entrevistas em formato audiovisual.



# 6º, 7º E 8º ENCONTRO

Os sexto, sétimo e oitavo encontros são destinados à realização das entrevistas planejadas pelas estudantes e pelos estudantes, constituindo o momento em que as etapas anteriores da sequência didática se concretizam na prática. Cada um desses encontros pode possuir a duração de duas aulas de 50 minutos, totalizando tempo suficiente para a organização do espaço, preparação dos equipamentos e realização das gravações. Para o desenvolvimento dessas atividades, são necessários recursos como computador com acesso à internet, câmera para captação de imagem, microfone para registro adequado do áudio e elementos de composição de cenário que contribuam para a qualidade estética do material audiovisual.

Durante esses encontros, as alunas e os alunos assumem os papéis de entrevistadoras e entrevistadores, colocando em prática os roteiros previamente elaborados e revisados. Nesse processo, são mobilizadas diversas competências relacionadas à oralidade, como a formulação clara das perguntas, a escuta ativa das respostas, a capacidade de retomada ou aprofundamento de temas e o controle da entonação e do ritmo da fala. Além disso, também se desenvolvem habilidades relacionadas à postura corporal,

ao contato visual e à adequação da linguagem ao contexto da entrevista.

As mulheres convidadas, da comunidade escolar, compartilham suas histórias, experiências e perspectivas, contribuindo para a construção de um espaço de escuta e valorização de narrativas frequentemente invisibilizadas e silenciadas. As entrevistas são registradas em formato audiovisual, compondo o material que posteriormente integrará o documentário produzido no âmbito do projeto.

Ao longo das gravações, o grupo também se envolve em tarefas técnicas e organizacionais, como preparação do cenário, verificação dos equipamentos, controle do tempo das entrevistas e apoio logístico às participantes. Esse trabalho coletivo reforça a dimensão colaborativa desta proposta pedagógica, permitindo que as estudantes e os estudantes experimentem diferentes funções dentro do processo de produção audiovisual.

Dessa forma, esses encontros configuram-se como momento central da sequência didática, pois articulam planejamento, prática discursiva e produção multimodal, possibilitando que as alunas e os alunos mobilizem, em situação real de comunicação, os conhecimentos construídos ao longo do percurso formativo.



# 9º ENCONTRO

O último encontro tem como objetivo realizar a avaliação coletiva do percurso desenvolvido ao longo da sequência didática, promovendo um espaço de reflexão sobre as aprendizagens construídas e sobre a experiência de produção das entrevistas. Esse encontro pode ter a duração de duas aulas de 50 minutos e é organizado em formato de roda de conversa, favorecendo a participação de todas e todos os envolvidos.

Inicialmente, propõe-se que as participantes e os participantes compartilhem suas percepções sobre as diferentes etapas do projeto, retomando desde os momentos iniciais de estudo do gênero entrevista até a realização das gravações. A mediação docente pode orientar a discussão por meio de questões que estimulem a análise crítica da experiência, como: quais foram os principais aprendizados ao longo do processo?; quais dificuldades surgiram durante a elaboração dos roteiros, a realização das entrevistas ou a interação com as entrevistadas?; e de que maneira a prática contribuiu para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à oralidade, à escuta e à organização do discurso?

Também se busca refletir sobre a dimensão social e formativa do projeto, considerando

o contato com as narrativas das mulheres entrevistadas e a importância de criar espaços de escuta para histórias que, muitas vezes, permanecem pouco visibilizadas nos contextos escolares e midiáticos. Nesse sentido, as alunas e os alunos são convidados a pensar sobre como a experiência de ouvir e registrar essas histórias pode contribuir para ampliar sua compreensão sobre diversidade de trajetórias, memórias e perspectivas de vida.

Ao longo da roda de conversa, as discentes e os discentes podem ainda avaliar o trabalho colaborativo realizado durante a produção das entrevistas, destacando aspectos positivos da cooperação entre colegas e possíveis melhorias para experiências futuras. Esse momento também permite reconhecer o envolvimento do grupo nas diferentes etapas do projeto, desde o planejamento até a execução das atividades.

O encontro finaliza com uma síntese das reflexões realizadas, reforçando as aprendizagens construídas no campo da oralidade, da produção discursiva e da escuta sensível. Dessa forma, a etapa avaliativa não se limita à verificação de resultados, mas constitui um momento de sistematização coletiva do processo vivido, valorizando a participação ativa das

estudantes e dos estudantes e a importância de práticas pedagógicas que integrem oralidade, participação social e consciência crítica sobre as opressões de gênero.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste caderno pedagógico, buscou-se evidenciar a potência da oralidade como prática social significativa no ensino de Língua Portuguesa, especialmente quando articulada a experiências concretas de escuta, fala e interação. A proposta desenvolvida, centrada no gênero discursivo entrevista, permitiu não apenas o aprimoramento de habilidades linguísticas, mas também a construção de um espaço formativo marcado pela troca, pelo diálogo e pela valorização das vozes das mulheres da comunidade escolar.

Nesse percurso, a organização em sequência didática mostrou-se fundamental para promover aprendizagens progressivas, possibilitando que as estudantes e os estudantes se apropriassem, de maneira consciente, dos elementos que constituem a oralidade formal. Desde o planejamento dos roteiros até a realização das entrevistas e sua produção audiovisual, foram mobilizadas competências discursivas, sociais e críticas, em consonância com a perspectiva dos multiletramentos e com as demandas contemporâneas do ensino.

Além disso, destaca-se a relevância da dimensão política que atravessa esta proposta, ao promover o enfrentamento do silenciamento histórico de mulheres por meio da valorização de suas narrativas. Ao dar visibilidade a essas histórias, o projeto contribuiu para a construção de uma consciência crítica acerca das desigualdades sociais de gênero, bem como para o fortalecimento da escuta sensível no ambiente escolar.

A experiência aqui apresentada reforça que o ensino de língua materna pode, e deve, ultrapassar práticas centradas majoritariamente na escrita, incorporando a oralidade como eixo estruturante do processo de ensino-aprendizagem. Ao criar espaços coletivos de fala e escuta, a escola se afirma como lugar de produção de sentidos, de reconhecimento das subjetividades e de formação cidadã.

Por fim, ressalta-se que este material não se propõe como um modelo rígido, mas como uma possibilidade metodológica aberta a adaptações, considerando as especificidades de cada contexto escolar. Espera-se, assim, que este ebook possa inspirar práticas pedagógicas que integrem oralidade, experiência e transformação social, reafirmando que, na escola, falar também é resistir.

# REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.

CONTRI, Tabata. Toda vez que vou dar uma entrevista, tenho medo do resultado, diz atriz cadeirante. YouTube, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7rov024w2GU>. Acesso em: 8 set. 2025.

CONVERSA com Bial. Tatá Werneck fala sobre MEDOS e sua história no HUMOR. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K5PT1ednTo4>. Acesso em: 3 fev. 2026.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1987.

# REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

GLOBO. O que é interseccionalidade, Carla Akotirene? | Espelho com Lázaro Ramos. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/enBXbQilljI>. Acesso em: 4 fev. 2026.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac, 2008.

ROJO, Roxane. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: UFMG, 2018.